

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/279710305>

# A PRÁTICA DO TOTALITARISMO NO BRASIL E NA ALEMANHA PÓS-PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL SOB A ÓTICA DAS OBRAS DE HERF E DE BENZAQUEN

Research · July 2015

DOI: 10.13140/RG.2.1.3718.2565

---

CITATIONS

0

READS

198

1 author:



Cristiano Bodart

Universidade Federal de Alagoas

125 PUBLICATIONS 195 CITATIONS

SEE PROFILE

# A PRÁTICA DO TOTALITARISMO NO BRASIL E NA ALEMANHA PÓS-PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL SOB A ÓTICA DAS OBRAS DE HERF E DE BENZAQUEN

**Cassiane C. Ramos Marchiori**

Mestranda em História Social das Relações Políticas - UFES.

Bolsista da FAPES.

cassianemarchiori@hotmail.com

**Cristiano das Neves Bodart**

Doutorando em Sociologia – USP

cristianobodart@usp.br

## **Resumo**

O presente artigo analisa a prática do Totalitarismo da Alemanha pré-nazista e o Integralismo Brasileiro de Plínio Salgado. O trabalho busca identificar as aproximações e diferenças entre os movimentos em estudo a partir das obras “O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política em Weimar e no Terceiro Reich” de Jeffrey Herf e “Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado” de Ricardo Benzaquen de Araújo. Ao confrontar as duas obras identificou-se que as suas aproximações se manifestam de forma clara no campo ideológico, mas quando materializado em suas práticas acabam por apresentar alguns distanciamentos.

## **Palavras-chave**

Totalitarismo, Modernismo Reacionário, Movimento Integralista

## **Abstract**

This article analyzes the practice of Totalitarianism of pre-Nazi Germany and the Brazilian Integralism of Plínio Salgado. This paper seeks to identify the similarities and differences between the movements as studied through the works “Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich” by Jeffrey Herf, and “Revolution and Totalitarianism: The Integralism of Plínio Salgado” by Ricardo Benzaquen de Araújo. When we compare the two works identified their nearness is clearly demonstrated in the ideological field, but in their practices eventually present some differences.

## **Keywords**

Totalitarianism, Reactionary Modernism, Integralist Movement

O presente artigo realiza uma análise comparativa dos aspectos apontados na prática do Totalitarismo da Alemanha pré-nazista e o Integralismo Brasileiro de Plínio Salgado contidos nas obras de Jeffrey Herf, “O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política em Weimar e no Terceiro Reich” (HERF, 1993) e, Ricardo Benzaquen de Araújo, “Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado” (ARAÚJO, 1988), respectivamente.

Em busca da civilização homogênea, totalizada os movimentos “Modernismo Reacionário” e “Integralismo” procuravam evidenciar a necessidade da não contaminação com o materialismo, no caso do Movimento Integralista, e com o desenvolvimento tecnológico mal aplicado, no caso do Modernismo Reacionário. Para os militantes de ambos os movimentos, o materialismo era a causa da desagregação da sociedade, levando os cidadãos procurar atender seus interesses individuais, esquecendo do bem estar nacional, evidenciando as divisões de classes e as injustiças sociais. Para os integralistas,

A civilização ateísta, assim, torna-se a “apoteose da matéria”. Ela conhece um incrível progresso mercantil e industrial, mas, simultaneamente, transforma-se no palco das mais cruéis e agudas injustiças sociais. No capitalismo, expressão econômica do ateísmo, os homens “valem pelo que possuem, não pelas suas virtudes” (ARAÚJO, 1988, p. 42).

A obra “O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política em Weimar e no Terceiro Reich”, de Herf busca alertar os perigos que poderiam ser causados pelos avanços tecnológicos, quando mal utilizados. Tal grupo “viam-se como libertadores das forças dormentes da tecnologia, reprimidas e mal empregadas por uma economia capitalista vinculada a democracia parlamentar” (HERF, 1993, p. 24).

Embora ocorridos em lugares diferentes, ambos os movimentos apresentavam-se como totalitários. Evidentemente que cada um desses dois movimentos possuíam suas peculiaridades. No Brasil, por exemplo, Plínio Salgado, não

concordava com o culto ao líder, prática muito comum na Alemanha Nazista. Para o líder dos integralistas a figura de um “homem” não deveria ser mais importante do que a própria doutrina, ou seja, cada militante deveria agir porque foi “absorvido pelos ideais do movimento”, não porque seguiu o exemplo de uma personalidade. Destarte, a negação do culto ao chefe seria uma das particularidades do integralismo no Brasil.

É justamente para acabar “com essa fase infantil que é a da adoração das pessoas”, para “não permitir que os integralistas vissem em mim o integralismo” (cf. Salgado, 1973b, p. 74), que Plínio nos conta, num texto sugestivamente intitulado “O Elogio da Ausência” (cf. Salgado, 1935b), que faltou a uma homenagem a ele prestada pelos formandos de Jaboticabal, no interior de São Paulo, para evitar que qualquer coisa se interpusesse entre eles e o integralismo (...) (ARAÚJO, 1988, p. 74).

O líder dos integralistas, Plínio Salgado, acreditava que o antagonismo entre o espiritual e o material foi acarretado após o período colonial, quando a população urbana adquiriu maior importância econômica e política, sendo quase que renegada a importância da raça cabocla, gente simples e interiorana - como se referia Salgado - o qual valorizava o nacionalismo, a devoção e a identificação com a sua pátria e, talvez a característica mais importante, não se deixava contaminar com a imposição das idéias liberais, consideradas impuras, como acontecera com os habitantes do litoral brasileiro (ARAÚJO, 1988, 50).

Os modernistas reacionários também criam que a população alemã havia se desviado das tradições de seu país devido aos avanços mal aplicados da tecnologia. Por esse motivo, alguns indivíduos já não entendiam a “alma alemã”. Algumas pessoas já não compreendiam a periculosidade que estava se aproximando junto com as mudanças tecnológicas, onde uma cultura tida como superior estaria eliminando os aspectos culturais nativos num processo de aculturação. Por isso, em seu movimento procurava não resgatar a “alma alemã”, mas sim renová-la.

Eles, e não os liberais, os social-democratas ou os marxistas, é que eram os verdadeiros revolucionários. Eram eles que, ao fazerem suas promessas, já não falavam daquela mesma *Entseelung* (privação da alma), mas da renovação da alma dentro de um cenário moderno (HERF, 1993, p. 36).

Para compreender melhor as doutrinas dos Modernistas Reacionários e dos Integralistas torna-se necessário identificar alguns fatores que influenciaram esses movimentos. De início é possível afirmar que ambos aceitavam, de modos diferentes, as idéias fascistas, as quais estavam em ascensão no pós-Primeira Guerra Mundial. Rejeitavam o marxismo e o socialismo, já que tiveram como exemplo fracassado o caso da URSS, uma vez que esta não conseguiu acabar com os problemas sociais e muito menos fez dos soviéticos uma nação unida, forte e próspera; bem como, rejeitavam as idéias liberais que, juntamente com os avanços tecnológicos, desagregava a população, fazendo com que as tradições, os laços culturais fossem suprimidos pela individualidade.

Seus anos de formação, no sentido manheimiano, haviam ocorrido durante a Grande Guerra. Esta os ensinara a desprezar a sociedade burguesa, acostumara-os à violência e dera-lhes um sentimento de comunhão do qual posteriormente sentiriam saudades (HERF, 1993, p. 37).

Os integralistas foram influenciados pelo fascismo e nazismo, isso porque para Salgado a “revolução espiritual e interior” já ocorria com êxito na Alemanha e Itália. Para ele, “[...], esta revolução já está se processando em vários lugares do mundo, tendo conseguido, inclusive, ser bem-sucedida em alguns países europeus, como Itália e a Alemanha de Hitler” (ARAÚJO, 1988, p. 63).

Os dois movimentos possuíam vários pontos comuns, alguns se evidenciam dentro das obras de Jeffrey Herf e Ricardo Benzaquen de Araújo. Por exemplo, ambos os movimentos não viam com bons olhos a classe burguesa, sendo esta tida como uma ameaça ao espiritualismo, as tradições da população alemã e brasileira. Salgado se refere aos burgueses como aqueles que aguçam a competição entre os indivíduos da

mesma nação, causando a desunião do povo e a abertura para a entrada das influências estrangeiras. A burguesia urbana, aliada aos caudilhos, coronéis que dominavam inteiramente o campo, garantiam a subordinação da população interiorana sob a litorânea, propiciando a negação da cultura original brasileira para a transformação do Brasil em uma cópia, mesmo que mal feita, da Europa capitalista. “Desta forma, assegurada a “tranqüilidade” rural, com a conseqüente repartição do poder entre os grandes proprietários, nosso país deixa de ser uma nação para se tornar um “negócio entre amigos”, entre burgueses e caudilhos, nacionais e estrangeiros [...]” (ARAÚJO, 1988, p. 50).

Os modernistas reacionários concordavam com os integralistas quanto ao fato de os burgueses colocarem a aquisição do lucro acima da preservação das tradições nacionais. Desta forma, acreditavam que a identidade cultural da nação corria perigo de ser substituída por uma cultura estrangeira. Talvez o motivo mais importante dessa rejeição aos burgueses fosse o fato de aceitarem, sem questionar, as imposições do Tratado de Versalhes no término da Primeira Guerra Mundial.

[...] a “revolução conservadora” opunham-se, veemente à República de Weimar, identificando-a com a guerra perdida, Versalhes, a inflação de 1923, os judeus, a cultura cosmopolita de massa e o liberalismo político. [...] Denunciavam o que acreditavam fosse o fastio e a complacência da vida burguesa e procuravam renovação em uma “barbárie” revigorante (HERF, 1993, p. 34).

A citação anterior deixa claro o ponto de vista dos modernistas reacionários quanto aos burgueses e a República Weimar, considerada fraca por não conseguir revigorar a “alma alemã”, pois ao aceitar as imposições do Tratado de Versalhes, bem como estimular o desenvolvimento tecnológico sem haver o respeito pelas tradições alemãs atende apenas a interesses estrangeiros, os quais perturbam a ordem no país. Para os modernistas as implantações de aparatos tecnológicos devem ser selecionadas de acordo com a necessidade da nação. O uso da indústria bélica na Alemanha, por

exemplo, era bem vista, já que esta vertente tecnológica se enquadrava na veia guerreira da nação ariana. Esta enxergava a guerra como o campo de formação de verdadeiros homens, capazes de guiar seu país para a glória perdida. Além disto, os modernistas eram a favor da violência como justificativa para alcançarem seus objetivos, neste caso a teoria de Max Weber dos “fins últimos” era interpretada da seguinte forma: não importa os meios utilizados para chegar ao resultado esperado, o importante é alcançá-lo. “Os intelectuais de direita eram românticos políticos na medida em que advogavam o que Max Weber chamava de ética dos fins últimos, em vez de uma ética da responsabilidade” (HERF, 1993, p. 40).

Não era praticada a ética da responsabilidade porque os modernistas não mediam esforços para fazerem a Alemanha renascer, a pretensão era formar a “comunidade de sangue”, esta é superior a “comunidade de espírito”, pois não precisa, ou melhor, está acima de qualquer justificativa sobre seus atos, não devendo explicações a ninguém: seus atos falavam por si. Para eles, “[...] uma comunidade de sangue não é de se justificar: vive, existe sem necessidades de justificação intelectual” (JUNGER, 1993, apud HERF, p. 41).

Os integrantes do Modernismo Reacionário Alemão pregavam a irracionalidade. A razão exacerbada. O intelecto praticado por aqueles que se diziam alemães traía a “comunidade de sangue”. Para eles a racionalidade era símbolo da fraqueza, característica esta que a Alemanha não possui, pois seu povo era tido, por eles, como superior, pertencente a raça ariana, dos guerreiros que dão suas vidas, derramam seu sangue em favor de sua pátria: o bem comum nunca sendo deixado abaixo dos interesses individuais ou de grupos. [...] a racionalidade era sinônimo da fraqueza, da decadência e da falta de sentimento comunal características daqueles intelectuais que “traem o sangue com o intelecto” (JUNGER, 1993, apud HERF, p. 41).

Bem como os modernistas reacionários, os militantes integralistas rejeitam a racionalidade, afirmando que seu uso causa separação entre os homens, pois estes

passam a se relacionar com o mundo como um indivíduo, como se não fizesse parte da totalidade almejada por Plínio.

[...] as forças da razão também vão impedir que eles continuem a se relacionar com o mundo como se este fosse uma totalidade, incorporando em suas preocupações o destino dos seus semelhantes. Em vez disso, o pensamento científico imporá uma mentalidade *analítica* que, ao exigir que tudo tenha que ser testado e provado empiricamente, leva á desagregação do todo, em partes separadas [...] (ARAÚJO, 1988, p. 36).

O repúdio à forma de governo democrático-liberal compunha outro aspecto semelhante entres o Integralismo de Plínio Salgado o Movimento Reacionário Alemão. O Integralismo considera este tipo de governo frio e passivo demais mediante as imposições feitas pelas forças estrangeiras, pois, acreditava que não contribuía para a totalidade da nação brasileira.

Ocorre que, na concepção de Plínio, este sistema político tem caráter inteiramente absurdo e *irreal*, [...]. Isso acontece porque, para ele, a sociedade liberal, fruto do ateísmo, encontra-se irremediavelmente dividida entre indivíduos e grupos movidos por interesses absolutamente antagônicos, pois cada um só se preocupa com a realização das suas aspirações e desejos privados (ARAÚJO, 1988, p. 41).

O fascismo atraia os intelectuais de direita, pois dava a esperança de resolução de uma crise cultural. O nacional-socialismo na Alemanha prometia a unidade espiritual da nação alemã em lugar do materialismo, positivismo e liberalismo sem alma e caótico.

O fascismo na Europa e o nacional-socialismo na Alemanha prometiam criatividade, beleza, forma estética e a unidade espiritual da nação em lugar do materialismo do positivismo e do liberalismo sem forma, sem alma e caótica. A alma poderia expressar-se nas imagens políticas e no simbolismo da nação em vez de em classes sociais divididas e em parlamentares transigentes (HERF, 1993, p. 45).



O mesmo objetivo era tido pelos integralistas liderados por Plínio Salgado, que acreditavam nos laços de sangue e na totalização espiritual da nação brasileira, sem as manchas do iluminismo, liberalismo e, principalmente, do materialismo.

Assim, a proposta totalitária vai implicar sempre na defesa de uma *totalização absoluta*, homogeneizante, disposta a eliminar todas as particularidades e diferenças, contidas no interior do corpo social, pela ação de uma ideologia unificadora (ARAÚJO, 1988, p. 80).

Apesar de terem sofrido influencia dos mesmos fatos históricos, a implantação do totalitarismo na Alemanha e no Brasil se diferem em alguns aspectos que merecem atenção.

A Alemanha Nazista, de acordo com os modernistas reacionários era o caminho a ser percorrido para chegar ao ápice do projeto modernista: a construção da “comunidade de sangue”. Isto se deve pela existência de um Estado forte capaz de vencer os desafios e resolver os problemas que afligiam a Alemanha no período do pós-Primeira Guerra. Para os Modernistas Reacionários, [...] o estado autoritário, quando associado à tecnologia avançada, pudesse restaurar o dinamismo político de uma sociedade burocratizada (HERF, 1993, p. 59).

Porém, para Salgado, a existência de um Estado Autoritário, como o pregado na Alemanha, somente causaria a despolitização da população, retirando da mesma a responsabilidade da coisa pública. Salgado acredita que a população precisa crer mais em si mesmo e não em instituições ou partidos políticos para resolver seus problemas. Para ele a soberania deveria estar sobre o povo, não sobre o Estado, e este deveria ser utilizado apenas para derrubar as idéias liberais.

[...] uma ideologia que prega a construção de uma ordem mais justa e fraterna através da eliminação de todas as diferenças sociais, num processo que, para homogeneizar a sociedade, exige a participação de todos e que, por isso mesmo, desloca a soberania para o povo, e nunca para o Estado (ARAÚJO, 1988, p. 97).

Mais um ponto de divergência entre os dois movimentos analisados no presente artigo merece destaque. Enquanto a população alemã já praticava um nacionalismo consciente, ao povo brasileiro ainda falta construir esse sentimento, exceto no período colonial quando o caboclo possuía sua identidade intacta, período onde não havia se contaminado com as pregações liberais, iluministas e hierárquico trazidos por aqueles que foram influenciados pelos ingleses e franceses. Acontece que, ao contrário da Itália e da Alemanha, onde “existia anteriormente um 'espírito nacional consciente', existia uma nação, no Brasil nada existia. Cumpria criar a Nação” (ARAÚJO, 1988, p. 65).

Por meio da análise e confrontação das obras de Araujo e Herf foi possível apontar que os movimentos em estudo apresentam aproximações significativas bem como diversos pontos divergentes. Seus objetivos e os meios adotados na busca de uma sociedade nacionalista e coesa ora são semelhantes, ora são divergentes.

### **Considerações Finais**

Foi possível identificar que Herf, em sua obra, realizou um estudo em torno dos modernistas reacionários alemães pré-nazistas, os quais almejavam uma sociedade “limpa”, sem contaminações trazidas pelo avanço tecnológico e que buscavam formar uma comunidade de sangue que estivesse acima de qualquer influência estrangeira cosmopolita, a qual evidenciava o nacionalismo e o amor a pátria, subjungando os interesses individuais. Para alcançar este fim, os modernistas reacionários rejeitaram a República de Weimar, considerada por eles fraca e “traidora” da nação alemã, passando a aceitar a proposta nazista, bem como sua liderança: Hitler. Para esse grupo essa era a única maneira de salvar a “alma alemã” das “impurezas” estrangeiras.

Com objetivos - de certo modo e grau - semelhante daqueles defendidos pelos modernistas reacionários alemães, de formar uma civilização homogênea, devota a sua nação, o Movimento Integralista do período do Estado Novo brasileiro analisado por

Benzaquen, renegou o materialismo trazido pelo Capitalismo e pelas idéias liberais; para os integralistas brasileiros estas seriam as causadoras da divisão da humanidade em sociedades, grupos com peculiaridades, as quais devem ser exterminadas, para o bem da nação, do coletivo, rejeitando também a idéia de “individualidade”. O ponto comum entre as obras em análise está na metodologia analítica, pois para ambos os autores – seja se referindo ao Totalitarismo, ao Fascismo ou ao Nazismo - seus objetos de estudo são identificados como ideologias e não como formas de governos, sendo os mesmos capazes de diferenciarem-se de acordo com a sociedade na qual foi implantado.

Mediante os aspectos aqui apresentados é possível destacar que abordar o Totalitarismo como doutrina é bem mais complexo do que retratá-lo como um tipo de regime ou característica de um modo de governo, pois existem muitas variações nesta ideologia dependendo do espaço, do tempo e dos aspectos culturais e políticos de cada sociedade estudada. Sendo assim, não é prudente concluir o assunto como acabado, pois se faz necessário uma longa análise desses objetos, que com certeza, requer mais estudos e pesquisa sobre o assunto, embora as duas obras analisadas e confrontadas apresentarem valiosas contribuições nessa direção.

Foi possível, ao longo do presente artigo reconhecer os movimentos modernistas reacionários alemães pré-nazistas e o Movimento Integralista do período do Estado Novo brasileiro como resultado das diversas formas possíveis de manifestação do Totalitarismo, que embora, de certo modo e grau, sejam manifestações diferentes, nos possibilitam compreender aspectos fundamentais das ideologias contidas nos regimes totalitários que marcaram o Brasil e a Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial.

**Referências Bibliográficas:**

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

HERF, Jaffrey. *O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no 3º Reich*. Trad. Claudio Frederico da S. Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.